

Surf no feminino no Alto Minho: motivações, experiências e *surfing culture*

O presente documento resume as principais conclusões da investigação promovida pelo Sport for Development Center da Escola Superior de Desporto e Lazer do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, intitulada Surf no feminino no Alto Minho: motivações, experiências e *surfing culture*. Apresenta também recomendações e perspetivas para futuras investigações. Em anexo, encontram-se os desenhos elaborados pelos vários participantes que representam raparigas/mulheres a surfar.

O surf no feminino foi selecionado por estar relacionado com uma das linhas de ação e de investigação do Sport for Development Center. O surf é, globalmente, um desporto em crescente expansão, com cada vez mais atletas do sexo feminino e no Alto Minho existe um Clube que apresenta um número expressivo de atletas de surf do sexo feminino.

A investigação seguiu uma abordagem qualitativa, recorrendo a um corpus documental, a entrevistas semiestruturadas, observação de participantes e à realização de *focus group*. Participaram na investigação treinadores, dirigentes e atletas de um Clube de surf do Alto Minho, para se perceber quais as motivações, experiências e a *surfing culture* destas raparigas.

Principais conclusões

- Os resultados apontam para a existência de **três linhas de entrada no Clube** que são comuns aos atletas do sexo feminino e masculino, que se encontram resumidas na figura 1. Os atletas chegam ao Clube por recomendação de amigos/família; pela possibilidade de utilização de infraestruturas de apoio modernas e com boas condições e ainda devido ao projeto promovido pelo município de Viana do Castelo *Náutica nas Escolas*. O acesso a infraestruturas de apoio surge como uma subcategoria da recomendação de amigos/família.



Figura 1

- Há a percepção generalizada, por parte dos dirigentes e treinadores do Clube, que as **principais razões para os atletas permanecerem/entrarem para o Clube** são as condições físicas/instalações que têm à disposição.

Pela voz dos participantes:

“Normalmente toda a gente se veste na praia, trocando de roupa utilizando uma toalha à volta da cinta. Se calhar para uma mulher não é tão confortável, ou seja, ter um balneário, uma estrutura de apoio facilita o processo.” (treinador/dirigente 004)

“A grande mudança foi a criação de condições para que se possam equipar com melhores condições. No geral, veio também criar condições para alargar a prática mais generalizada do surf, criando condições ótimas para o treino fora de água e melhorar o conforto na prática do surf.” (treinador/dirigente 004)

“O que diferencia haver mais rapazes do que raparigas está relacionado com terem de se expor. Aqui em concreto, o facto de haver um balneário masculino e outro feminino, criando separação, dá conforto e segurança às raparigas e essa parte faz a diferença, não só para as praticantes, mas também para os pais.” (treinador/dirigente 003)

- É também reconhecido que as instalações são um fator atrativo inicial. No entanto **os recursos humanos e a cultura do Clube são o fator chave** para o sucesso da atividade desenvolvida com os praticantes e os atletas.

Pela voz dos participantes (treinadores dirigentes)

“O Clube é escolhido em detrimento dos restantes devido às pessoas que aqui trabalham. Não é só a água quente e as pranchas que fazem a diferença se depois os professores/monitores não fizerem bem o seu trabalho.” (treinador/dirigente 003)

“ (...) tem uma estrutura de apoio e eventos, havendo uma cultura de receber as pessoas, que as respeita, ouve e flexibiliza-se, estando bem estabelecido que não é uma empresa, é um Clube, com vertente desportiva e social. As pessoas sentem-se bem acolhidas.” (treinador/dirigente 004)

“Considerando cultura específica relacionada com a prática do surf, o CAR Viana veio também associar uma imagem mais séria, sem o surf ser visto como um grupo de “delinquentes” que iam para a praia, pois apesar de ser um desporto recente as pessoas ainda o viam com desconfiança. O facto de ir para a praia em janeiro trazia muita desconfiança, e esta infraestrutura juntamente com aulas mais organizadas e mais estruturadas, tornou muito mais acessível a prática do surf” (treinador/dirigente 004)

Pela voz dos participantes (atletas feminino/masculino):

“... o Clube encorajou-as [às raparigas], na Náutica das Escolas e elas conseguem ver que o surf não é um “bicho de sete cabeças”.” (atleta masculino mais novos BY02)

“aqui entre nós existe respeito pelas prioridades, não nos colocamos à frente uns dos outros independentemente de ser rapariga” (atleta masculino mais velhos BO04)

“porque este clube é diferente” seguido de um geral sim e gestos de aceitação da ideia (atleta feminino mais velhas GO01)

“vim fazer surf porque gostei da sensação de liberdade e das pessoas que aqui estavam” ideia (atleta feminino mais velhas GO04)

- Todavia, entre treinadores, dirigentes e atletas, existe uma perceção diferente relativa à importância das instalações, principalmente os atletas do sexo feminino, que referem **valorizar mais o grupo de pares, não obstante, todos valorizarem as condições físicas/instalações à disposição** (balneários, água quente), mas somente quando falam das condições que menos gostam na prática do surf.

Pela voz dos participantes (atletas feminino/masculino):

“porque fiz um surf camp e depois de ter visto as condições e da forma como me receberam decidi ficar...” (atleta masculino mais novos BY04)

“... porque procuramos um local com boas condições e ao chegar ao Clube descobrimos que havia mais gente conhecida e ficamos.” (atleta feminino mais velhas GO02)

“... alegria quando termino de praticar surf, ligado a uma diversão a nível social por estar com os amigos...” (atleta feminino mais velhas GO07)

“Os amigos também ajudaram a ficar...” (atleta feminino mais velhas GO01)

“...fiquei, pois comecei a identificar-me com o clube e a fazer amigos.” (atleta feminino GO03)

“apesar de ter medo do mar, adoro fazer surf e estar com os meus amigos do Clube” (atleta feminino mais velhas GO01)

- Os resultados apontam que todos os atletas e dirigentes/treinadores consideraram o surf uma modalidade desportiva de difícil aprendizagem, sendo consensual para **as raparigas que a sua permanência na prática do surf** está relacionada com o facto de terem no Clube um grupo de pares acolhedor, bem como os resultados competitivos das atletas mais velhas e o seu exemplo e/ou apoio. A integração no grupo de pares e a integração na “comunidade” do Clube leva a que se mantenham e que tragam as amigas para a prática do surf nesta instituição.

Pela voz dos participantes (dirigentes/ treinadores):

“...quem chega apercebe-se claramente que existe uma energia por parte deste grupo de raparigas, que se diferenciam dos restantes grupos, mesmo do grupo de rapazes, o que leva a que a motivação das raparigas seja maior, pois têm melhores exemplos, mais fortes comparativamente a um atleta masculino que entre neste momento.” (treinador/dirigente 001)

“Obviamente que o impacto [mais raparigas] para um atleta da formação não pode ser definido com exatidão, mas aquilo que podemos afirmar, é que a nível regional são uma das equipas mais fortes. A nível nacional, apesar de ainda não estarem ao nível competitivo suficiente para competir pelo título em si, há 3 anos consecutivos que há atletas no top 10 nacional.” (treinador/dirigente 001)

“sem considerar a parte competitiva, pela primeira vez podemos dizer que há um grupo de surfistas femininas em Viana.” (treinador/dirigente 004)

Pela voz dos participantes (atletas feminino/masculino):

“quando pensamos em raparigas que ganharam prémios identificamos a Mariana, a Raquel Vale, a Raquel Otero, mas quando penso em rapazes só me lembro do Jony” (atleta masculino mais jovem BY01)

“senti que havia raparigas que também gostavam de estar no mar” seguido de um geral sim e gestos de aceitação da ideia (atleta feminina mais novas GY02)

“passamos a ver que também era possível ganhar” todas concordaram com a afirmação seguido de gestos de aceitação da ideia (atleta feminina mais velhos GO03)

- Quando questionados se existem barreiras de acesso ao surf, comparando rapazes e raparigas, encontramos um consenso por parte de todos os intervenientes que, **de forma geral, não se verificam.**

Pela voz dos participantes (atletas feminino/masculino):

Tanto rapazes como raparigas esboçaram um não sem excitação independentemente da faixa etária sendo mesmo acrescentado por um atleta masculino:

“ontem aconteceu o contrário, os rapazes ficaram com as piores ondas e as raparigas com as melhores.” (atleta masculino mais novos BY07)

Pela voz dos participantes (dirigentes/ treinadores):

“Não existe distinção entre um surfista masculino e feminino, até porque, neste momento, as atletas que apresentam melhor nível de surf são do sexo feminino.” (treinador/dirigente 001)

“Há mais rapazes no surf pela questão histórica inicial. A partir do momento que apareceram mulheres a surfar e a surfar bem, destruiu-se um pouco a ideia de que isto é um desporto masculino.” (dirigente 004)

“...quando era jovem e lembro-me que havia uma rapariga a surfar, mas era mais velha, da minha geração nenhuma passou sequer a usar uma prancha “short board”. Hoje em dia surfando na zona de Viana do Castelo é bastante provável que encontrem surfistas de “short board”, a surfar no “outside” e a praticar a modalidade como qualquer outro surfista.” (dirigente 001)

- No entanto, quando particularizado, verificam-se algumas barreiras relacionadas com o facto de o termo de comparação ser sempre o surf masculino e as capacidades físicas diferirem, quando se verifica que **existe de forma marcada uma gestão do risco diferente entre sexos e a prática do surf acarretar um desafio constante** para os vários atletas, comum a rapazes e a raparigas dos diferentes grupos etários. Contudo, o risco é verbalizado de forma diferente por rapazes e raparigas, com as raparigas a manifestar que têm uma atitude mais prudente quando se trata de assumir riscos na prática do surf.

Pela voz dos participantes (dirigentes/ treinadores):

“Entre rapazes e raparigas a diferença é que os rapazes são geralmente mais ousados. São capazes de desejar o mar mais desafiante, de vários pontos de vista, como mar mais cavado, um tubo, surfar ondas mais rápidas, fundos de rocha, enquanto me apercebo, que as raparigas têm mais dificuldade em se adaptar a esse tipo de ondas, mesmo quando analisando as etapas do campeonato mundial, entre masculino e feminino, as ondas são completamente diferentes. Mas voltando para o nível regional, não vejo diferenças.” (treinador/dirigente 001)

“...a cultura mais masculina de querer ser o melhor, o mais forte, o mais destemido, leva a que, no meio natural, seja mais fácil arriscarem, enquanto que as raparigas não saem tão frequentemente da sua zona de conforto. Um atleta masculino acaba por arriscar mais, enquanto que uma atleta feminina acaba por ser mais contida sem arriscar tanto, um sentido maior de auto-preservação...” (treinador/dirigente 001)

“outra diferença é que contrariamente aos rapazes é que no “line up” as raparigas não colocam uma pressão e a exigência tão grande umas às outras quando acontece um erro” (treinador/dirigente 002)

Pela voz dos participantes (atletas feminino/masculino):

“... os rapazes enquadram as situações mais do tipo: se for surfar com estas condições de mar, vou apanhar um susto. Enquanto que as raparigas enquadram a situação mais como se eu for surfar com estas condições de mar eu morro.” (atleta masculino mais velhos BO002)

“...temos aqui a GY005 que está sempre a fazer “drop in” a toda a gente, e é rapariga” (atleta feminino mais novas GY003)

“pode estar relacionado com o facto de desde sempre as mulheres praticarem menos desporto do que os homens e culturalmente estar a influenciar as suas decisões. Mas é claro que os homens começaram a praticar mais cedo do que as mulheres, até chegar ao mesmo nível de prática vai demorar” (atleta feminino mais velhas GO02)

- Outra barreira está relacionada com a projeção do surf, reconhecendo que existe uma **diferença de acesso a patrocinadores** e projeção enquanto atletas.

Pela voz dos participantes (dirigentes/treinadores):

“...um atleta masculino tendo visibilidade terá apoios de marcas, enquanto não será tão fácil para uma atleta feminina, a não ser que esteja enquadrada no contexto de um clube. Existe um público maioritariamente masculino o que leva a esta relação com as marcas seja privilegiada, bem como o facto de comparativamente os atletas masculinos apresentam um nível técnico superior, o que torna mais atrativo para as marcas o apoio.” (treinador/dirigente 001)

“...no geral, há mais rapazes a praticar com apoio de patrocinadores, pois as mulheres não tinham tantas possibilidades de patrocínios, fator que mudou um pouco em 2014, desenvolvendo-se mais o surf feminino.” (treinador/dirigente 002)

Pela voz dos participantes (atletas feminino/masculino):

“...a WSL tem 90% das coisas relacionadas com homens.” (atleta feminino mais velhas GO02)

“...mas eles também têm melhor qualidade de condições de ondas e patrocínios.” (atleta feminino mais velhas G03)

“geralmente também têm outras condições de dinheiro para viajar, pois pode não parecer, mas o surf exige dinheiro para se ter resultados.” [referindo-se às diferenças entre norte e sul do país] (atleta feminino mais velhas GO03)

- Outra barreira está relacionada com o **estereótipo que as raparigas são inferiores** na prática do surf, ampliado pelo facto de existir um ambiente maioritariamente masculino. Esta barreira **não tem estas**

repercussões em formato de aula ou dentro do Clube, nem no grupo das raparigas e dos rapazes mais novos (10 aos 14 anos).

Pela voz dos participantes (dirigentes/treinadores):

“... em “free surf” as mulheres não são tão respeitadas como em contexto de aula, podendo considerar-se como exemplo o respeito pela prioridade para apanhar a onda.” (dirigentes/treinadores 002)

“...claro que, como vimos no nacional Surf Esperanças, verificamos que temos raparigas com excelente nível de surf. No entanto, o primeiro impacto é algo como: “não vai apanhar ondas”; “isto não é para ela”; “não vai chegar lá fora” e isto leva que mesmo que esteja com prioridade alguém se meta à sua frente.” (dirigentes/treinadores 003)

“dentro de água, o ambiente é muito masculino, conversas muito masculinas, acrescentando as questões do localismo, pois por vezes mesmo para os homens existe um ambiente hostil. Uma rapariga ao entrar num ambiente assim vai se alvo de muito mais atenção, se não for uma rapariga com algum carácter poderá ficar algo exposta.” (dirigentes/treinadores 003)

Pela voz dos participantes (atletas feminino/masculino):

“claro que se vejo que está a remar, mas com medo, eu continuo a remar até que ela pare para eu entrar na onda, mas faço isso independentemente de ser rapaz ou rapariga, se tenho impressão que não vai conseguir ou vai cair, eu também vou.” (atleta masculino mais velho BO03)

“não estão habituados a dar valor às raparigas, quando começaram a surfar não incentivavam as raparigas a surfar e por isso também houve sempre menos raparigas a praticar surf.” (atleta feminino mais velho GO01)

- A Figura 2 representa as principais barreiras das raparigas no acesso às atividades de surfing.



Figura 2

- Os resultados mostram que **está em formação uma subcultura no Clube**, dentro da *surfing culture* predominante no surf¹. Esta subcultura encara de forma diferente os estereótipos de género associados à *surfing culture*, observando-se uma diferença mais marcada entre os diferentes grupos de idade, com o grupo etário dos atletas mais jovens (10 aos 14 anos) a apresentarem menos estereótipos sobre ser rapariga e praticar surf, que o grupo de atletas mais velhos (14 aos 18 anos). O grupo de atletas do sexo masculino e feminino do grupo etário dos atletas mais velhos, num primeiro momento quando pensam em raparigas no surf, referem as características associadas ao que é definido na literatura por “beach babes”².

Pela voz dos participantes (atletas masculinos/ femininos mais novos; 10 aos 14 anos):

Um geral não, sendo acrescentado que quando em “free surf”:

“Não há diferenças, mas depende também da personalidade (...) temos de ser mais autónomos.” (atleta masculino BY02)

“...já fui acompanhada por um adulto [familiar] e é diferente de estar com os colegas da mesma idade; ...têm mais preocupação, nós entramos mais calmos no mar, mais nada.” (atleta feminino GY005)

Pela voz dos participantes (atletas masculinos/ femininos mais velhos; + 14 anos):

“a qualidade do surf é diferente, por exemplo se entra alguém no pontão que não conheces faz dois aéreos numa onda ficas logo UAU!! Se entra uma rapariga que não conheces e faz o mesmo e ficas de rastos é diferente.” (atleta masculino BO03)

“...quando estamos a surfar com muita gente os rapazes não nos respeitam tanto, seja em free surf ou não” (atleta feminina GO02)

- O grupo etário das raparigas mais velhas (15 aos 18 anos) considera que **ser rapariga é uma desvantagem nas competições** em que participam porque ficam com as piores condições de mar e sentem que são discriminadas por serem raparigas.

¹ Por subcultura entende-se um grupo de pessoas dentro de determinada cultura que se diferencia dos princípios culturais mais gerais. A *surfing culture* é construída e reconstruída na interseção entre o global e o local, sendo a maior barreira para as surfistas o papel que os homens desempenham em continuar a diferenciar as mulheres na *surfing culture* (ver, por exemplo Hough-Snee, Dexter Zavalza & Eastman, Alexander Sotelo, (2017) *The critical surf studies reader*. Durham: Duke University Press).

² Por *beach babe* entende-se a imagem estereotipada de uma rapariga jovem, loira, atraente, com um tom de pele bronzeado. Para uma análise mais pormenorizada ver, por exemplo, Hough-Snee, Dexter Zavalza & Eastman, Alexander Sotelo, (2017) *The critical surf studies reader*. Durham: Duke University Press.

Pela voz dos participantes (atletas feminino mais velhas - + 14 anos):

“...em competição somos sempre subestimadas” (atleta feminina GO03)

“Ainda na última prova que fomos, ficamos com o mar pior (...) porque dizem que temos um nível inferior de surf” (atleta feminina GO01)

“...a maior parte das vezes ficamos com o mar pior, no entanto, de resto é igual.” (atleta feminina GO02)

“Deveria ser ao contrário pois eles sabem melhor aproveitar as ondas,...” (atleta feminina GO03)

- O grupo etário das **raparigas mais velhas (15 aos 18 anos)** verbaliza que **têm um nível de surf inferior ao dos rapazes**, contudo, esta percepção é um paradoxo uma vez que, de uma forma global, estas apresentam melhores performances nas competições, comprovando a necessidade de se **olhar separadamente para as performances obtidas e o nível competitivo**.

Pela voz dos participantes (atletas feminino mais velhas - + 14 anos):

“...mas os juízes querem ondas bem surfadas e não fazem essas escolhas pois sabem que com as raparigas não vai acontecer com tanta frequência.” (atleta feminina GO01)

“...as raparigas ganham mais campeonatos que os rapazes, mas o nível também é mais baixo.” (atleta feminina GO03)

“a opinião é mais nós temos um nível diferente.” (atleta feminina GO03)

- Os atletas têm a percepção que os treinadores e o Clube, de uma forma global, **valorizam as raparigas e os rapazes de forma igual**.

Pela voz dos participantes (atletas masculino/ feminino):

“...pois houve alternância entre feminino e masculino.” (atleta masculino mais novos BY04)

“agora o “prize money” é igual” (atleta masculino mais velhos BO05)

“porque este clube é diferente” seguido de um geral sim e gestos de aceitação da ideia (atleta feminino mais velhas GO05)

“somos todos iguais, respeitam muito as raparigas e se calhar por isso temos mais resultados” (atleta feminino mais velhas GO04)

- Dos participantes no estudo, 57% dos adultos (dirigentes e ou treinadores) representam as mulheres no surf como sendo praticantes de *longboard* (Figuras 3 e 4), em contraste com 9.5% dos atletas, independentemente do seu sexo. **Nenhuma atleta se identifica e ou identifica o *longboard* com as raparigas no surf.** Representam sempre raparigas a apanhar ondas e a realizar manobras, como ilustram as Figuras 5 e 6.

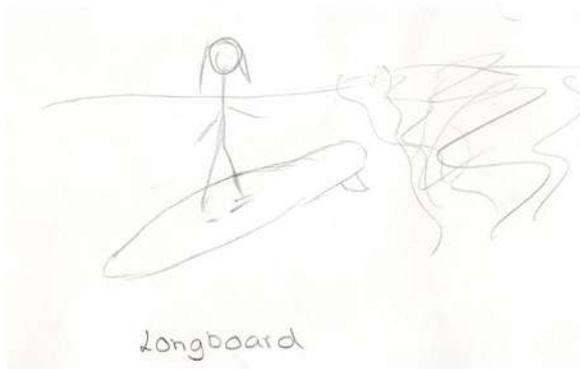


Figura 3



Figura 4

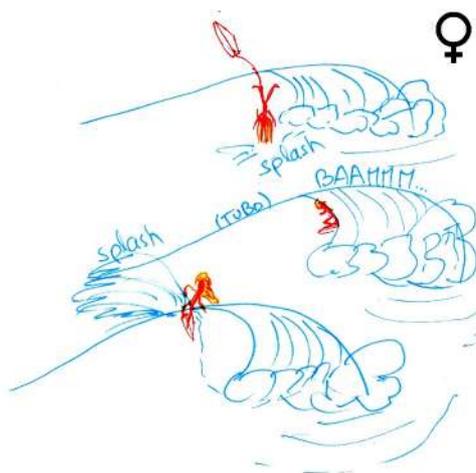


Figura 6

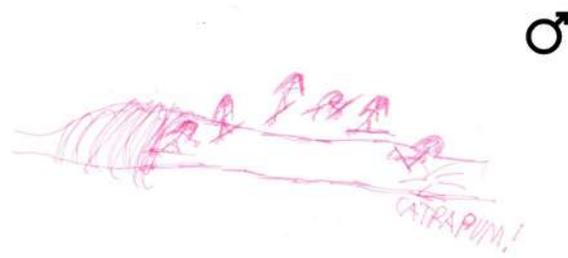


Figura 5

- O "ambiente visual" do Clube não é igualitário em termos de representação das mulheres e homens a surfar (exemplos: imagem da porta do balneário; história do Clube), **ao contrário dos vários números da revista publicada pelo Clube.**

A surfing culture que o Clube está a criar parece ser um importante contributo para que o surf tenha um futuro mais equitativo e socialmente mais justo.

Recomendações

- O ecossistema do Clube pode ser potenciado para criar uma iniciativa que promova o surf feminino tornando o Clube uma referência nacional e internacional da promoção do surf no feminino;
- O ambiente visual das instalações utilizadas pelo Clube deve ser repensado tornando-o mais igualitário em termos de representação das mulheres a surfar (exemplos: alterar a imagem da porta do balneário; atualizar a sua história, dando relevo aos resultados alcançados pelas raparigas, como acontece na revista publicada pelo Clube);
- Como forma de potenciar as boas práticas, de promover a reflexão crítica sobre as condições sociais e políticas da prática do surf e apoiar a criação de estratégias para a superação dos desafios das mulheres no surf, o Clube pode criar ciclos de conversas ("Mermaid Talks"), nos quais organizaria sessões tendo em consideração questões inerentes aos papéis de género, ao combate à sexualização da imagem das raparigas e ao assédio sexual;
- Promover a igualdade entre raparigas e rapazes no valor do *prize money* e no acesso às condições de mar nos campeonatos/torneios nacionais, visto que já acontece naqueles que são da sua responsabilidade;

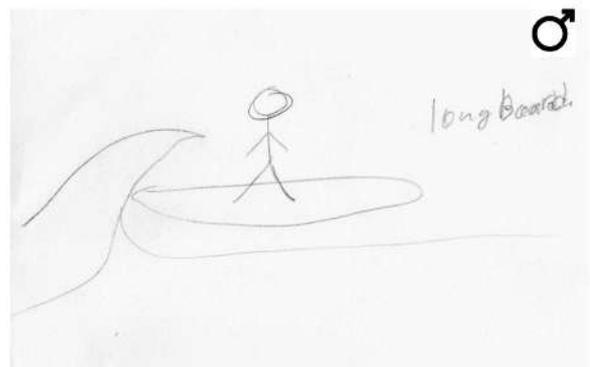
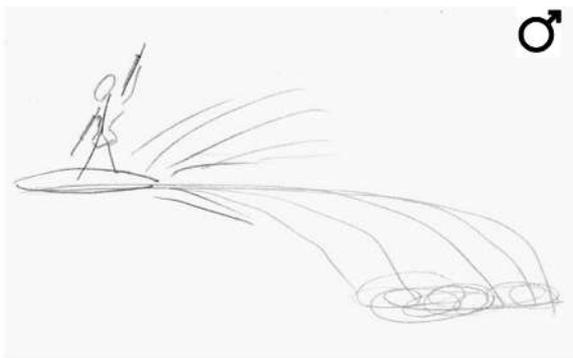
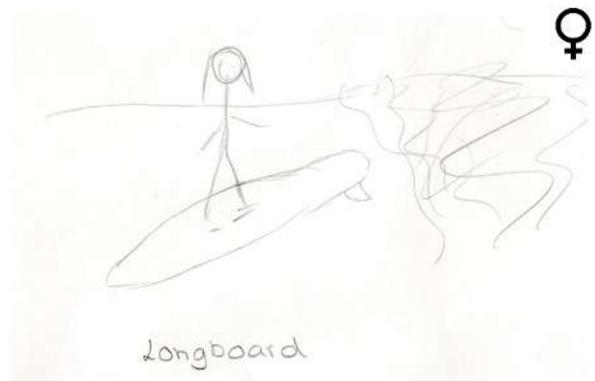
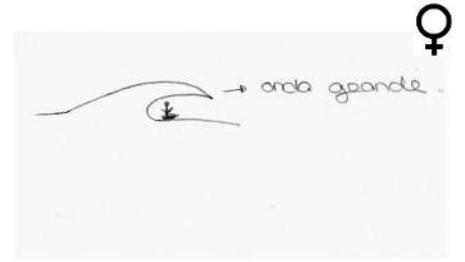
- Criar a iniciativa *surf like a girl* para promover uma identidade própria do surf feminino, uma vez que há a tendência de comparar o surf das raparigas com o dos rapazes, e não com o de outras raparigas, tendo em consideração que há estilos diferentes e formas diferentes de estar no surf. Esta iniciativa não implica que as raparigas não se possam inspirar nas manobras e no surf masculino, e vice-versa, mas a referência deve ser o surf feminino e as atletas femininas;
- Continuar a promover a inclusão no corpo técnico do Clube de mulheres, incentivando a participação de antigas atletas nas várias iniciativas para servirem de modelo para as atletas mais novas;
- Na divulgação/cartazes de eventos, promover o surf feminino dando ênfase às manobras realizadas por atletas femininas.

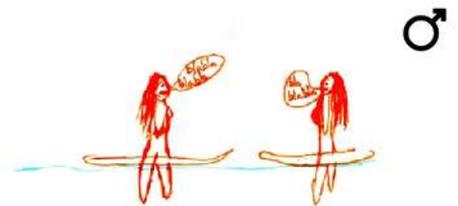
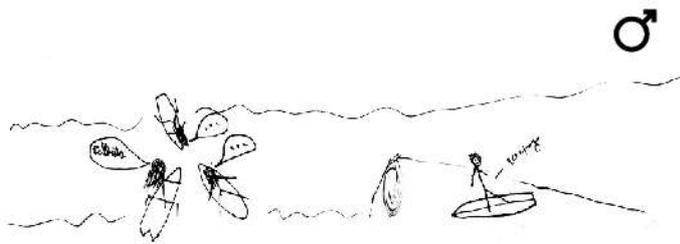
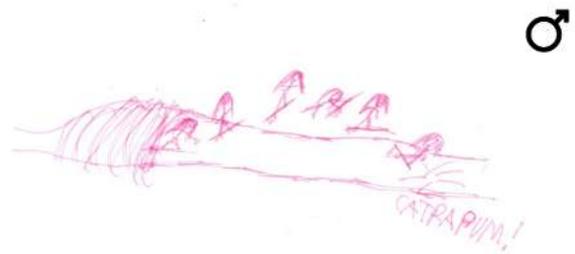
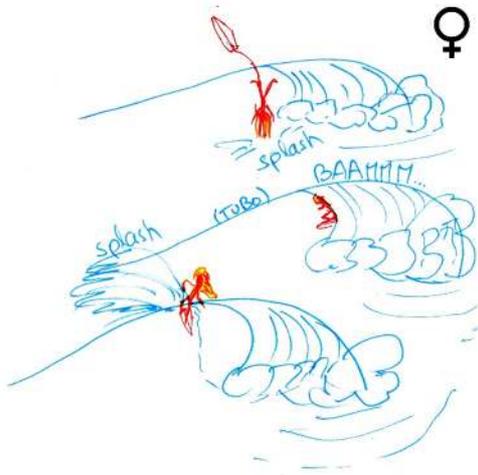
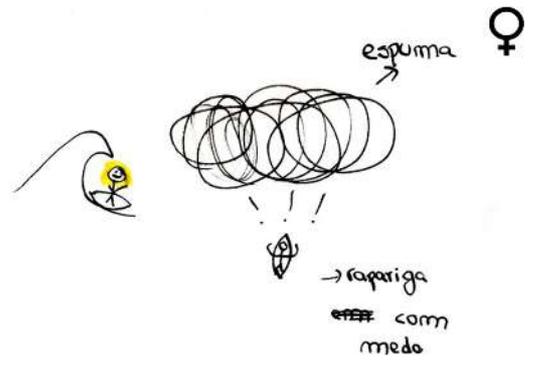
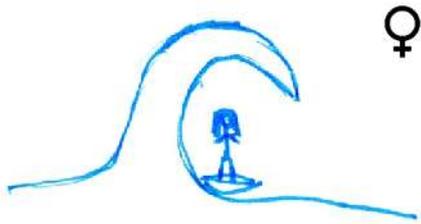
Investigações Futuras

- Analisar a gestão do risco dos atletas no surf, tendo em consideração as diferenças entre sexos.
Em que medida rapazes e raparigas fazem de forma igual a gestão do risco nas atividades de surfing?
- Analisar se o ciclo menstrual interfere com a prática do surf.
Em que medida o ciclo menstrual interfere com a prática do surf? Haverá diferenças entre as faixas etárias?
- Perceber se o projeto Náutica nas Escolas está a contribuir para um acesso mais equitativo ao surf, trazendo novos públicos para o desporto e a criar uma subcultura.
Em que medida o surf nas atividades da Náutica das Escolas está a contribuir para o acesso mais equitativo ao surf?



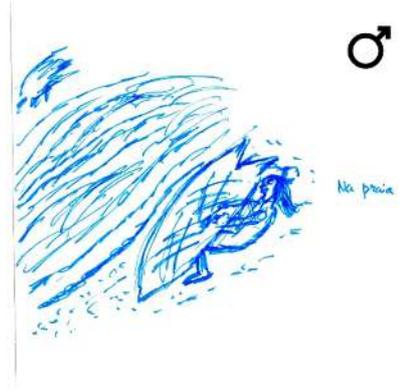
Sugestão de citação: Silva, Bruno, Silva Rui da & Lima, Ricardo (2020) *Surf no feminino no Alto Minho: motivações, experiências e surfing culture*. Melgaço: Escola Superior de Desporto e Lazer – Instituto Politécnico de Viana do Castelo.







♂



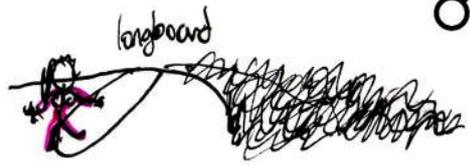
♂

Na praia



tubo

♂

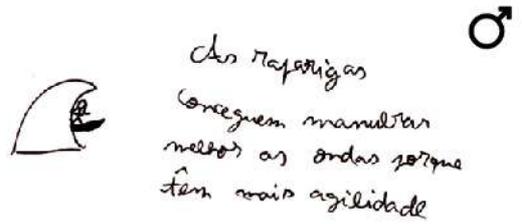


longboard

♂



♀



♂

das raparigas
conseguem manobrar
melhor as ondas porque
têm mais agilidade

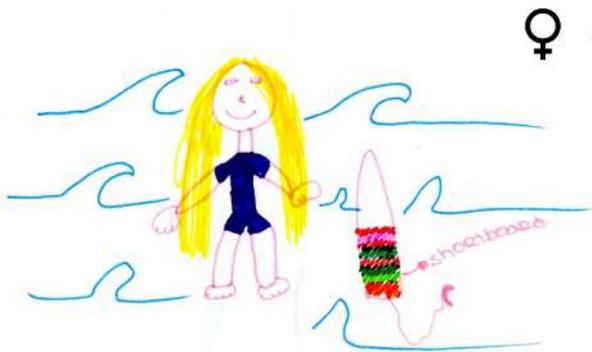
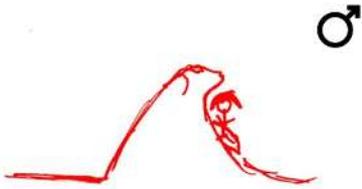


♂

voire
colaboro longas
oheri forte o mar
~~Re~~



♀



se eu soubesse desenhar a
minha irmã de surf é uma
rapariga a fazer um cutback
com o cabelo a escorregar

